

Irmão Dionísio Fuertes Álvarez

Prof. Dr. Ir. Elvo Clemente

No dia 21 de julho faleceu o prof. Dr. Irmão Dionísio Fuertes Álvarez, presidente do Instituto de Cultura Hispânica, membro da Academia Rio-Grandense de Letras, professor emérito da PUCRS. Nascido em Léon (Espanha) a 28 de março de 1913, fez a formação marista na Itália, perto de Turim. Obedeceu ao chamado missionário e veio ao Brasil em 1930. Exerceu o magistério no Colégio Rosário, em Garibaldi, Rio Grande e Uruguaiana e sobretudo na PUCRS de 1941 até 1999. Irmão Dionísio notabilizou-se por suas atividades:

1) Na organização da Biblioteca Central, de que foi Diretor durante 25 anos: organizou o prédio e a classificação geral, antes da informatização.

2) No Instituto de Cultura Hispânica, foi um dos fundadores em 1956 e Diretor durante 35 anos. Esmerou-se em transformá-lo no melhor centro de Cultura, de Lietratura de Espanha: biblioteca e videoteca – tesouros imersos.

3) No magistério, Irmão Dionísio lecionou nos cursos de Comércio do Colégio Santo Antonio e no Colégio São Francisco, na PUCRS lecionava Língua Espanhola e respectivas literatura e Cultura hispânica, Introdução à Filosofia em várias unidades acadêmicas, Didática Geral e Didática Especial.

4) Nas Letras foi exímio escritor e poeta com os dois ensaios: *Núcleo mínimo da expressão lingüística* e *Poesia y belleza*; os livros de poesia; *Salmos do Silêncio*, 1957; *Terra habitada*, 1958; *Casa dourada*, 1961; *Escuro labirinto*, 1972. A poesia dele tem o sotaque marcado pelos ritmos de São João da Cruz e de Santa Teresa de Ávila. Aquele tom místico, aquela flor sobre a paisagem humana. Era notável orador tanto em português como em sua língua materna. Encantava qualquer público.

5) Na cultura em todos os sentidos, Irmão Dionísio foi longe. A grande paixão pela leitura o levou a explorar os tesouros escondidos nos livros de ciências, de filosofia, de ficção, sempre em busca da VERDADE, da Esperança e do AMOR.

Uma escala argumentativa disponível em língua portuguesa

Teresinha Oliveira Favero¹

Introdução

Este texto trata da teoria da argumentação na língua, desenvolvida recentemente por J.C. Anscombe e O. Ducrot, na área da Semântica Lingüística. Aqui procurarei demonstrar, com exemplos da língua portuguesa, como nosso idioma possui recursos argumentativos que se colocam a serviço dos usuários quando de sua utilização. Para tanto, apresentarei o exemplo de uma escala argumentativa de nossa língua, baseando-me na argumentação e topoi argumentativos de O. Ducrot.

Diferentemente do pensamento tradicional, que preconiza que o movimento argumentativo pressupõe dois fatos independentes, Ducrot desenvolve sua teoria com a finalidade de mostrar como o autor de um enunciado nunca se expressa diretamente, colocando em cena, num só enunciado, um certo número de personagens. Questiona, portanto, o axioma da unicidade do sujeito falante, mostrando que essa unicidade "...é muito menos evidente do que habitualmente se pensa; mesmo assim, me parece que acarreta muitas dificuldades." (Ducrot, 1988: 16)

1. Bases teóricas

São necessários, primeiramente, alguns esclarecimentos terminológicos, conforme concebidos pelos autores. Segundo

¹ Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre, RS.

eles (e segundo suas próprias palavras, "arbitrariamente"), distinguem os termos: *enunciado e frase*. O primeiro é tomado como um segmento do discurso, que tem data, lugar e enunciadorees determinados, marcados por *eu, me, mim, aqui*, etc. e, de certo modo, aqui, agora; *tu, ti, teu, aí*). Sendo empírico e observável, é irrepetível. "O sujeito empírico semântico é o autor efetivo, o produtor do enunciado." (Ducrot, 1988: 16) O sujeito empírico, às vezes, é confundido com o locutor ou o enunciadoree, mas, segundo o autor, possuem funções enunciativas muito diferentes. Para ele², o locutor é a pessoa a quem se atribui a responsabilidade da enunciação, no próprio enunciado. O segundo é visto como uma estrutura abstrata, subordinada à língua, isto é, totalmente diferente de uma seqüência de palavras escritas ou oralmente pronunciadas. São, portanto, as características concreto e abstrato diferenciadoras dos termos em questão, desencadeadoras da teoria da argumentatividade.

A distinção entre frase e enunciado levou Anscombe e Ducrot a atribuírem valores semânticos diferenciados a um e outro. *Sentido* seria, assim, o valor semântico do enunciado; *significação*, o da frase, sendo que o primeiro realiza-se sobre-determinado em relação ao segundo, ou seja, o sentido do enunciado sobredetermina-se em relação à significação da frase que atualiza, pois só esta permite a realização daquele, mesmo sem que se possa afirmar que nem o valor referencial, nem o valor ilocutório sejam deduzidos diretamente da significação da frase.

A diferença seria, então, uma distinção de grau, pois o sentido contém tudo que há na significação, acrescido de detalhes e especificações que a concretude fornece a cada ato lingüístico. Essencialmente, a significação constitui-se de *diretivas*, que Ducrot chama, também, de *instruções* ou *senhas* para estabelecer o sentido dos enunciados.

A frase, desse modo, orienta os interlocutores, indicando o tipo de indícios que eles devem buscar no contexto, a fim de interpretar seus enunciados. Entre essas instruções, trataremos

² Quando me referir "aos autores" ou "a eles", estarei identificando Anscombe e Ducrot; quando me referir "ao autor" ou "a ele", estarei fazendo referência exclusiva a Ducrot.

por aquelas chamadas pelo autor de *variáveis argumentativas*. Segundo ele: "Elas indicam ao intérprete do enunciado que ele deve constituir, e atribuir ao locutor (fundamentando-se no que ele conhece da situação do discurso), uma estratégia argumentativa determinada." (Ducrot, 1989: 14)

As escalas argumentativas funcionariam como conhecimentos lingüísticos que contribuiriam para a economia da língua. Segundo exemplos abaixo, ao invés de dizer que é necessário comprar uma mercadoria, mas que seu preço é superior abaixo do qual a compra se tornaria possível, mas acima do qual torna-se impossível, o locutor diz apenas: "*x é P demais*"; onde *x* é um objeto, a mercadoria, e *P* equivale a uma propriedade, o adjetivo *caro*, assim devendo a frase ser interpretada pelo interlocutor: "É necessário comprá-la, mas acima de tal limite torna-se impossível." Já se, ao contrário, o locutor disser: "*x tem um preço bom demais*", a orientação argumentativa será uma proposição do tipo: "É necessário comprá-la". "A única diferença com o caso anterior é que abaixo do limite a compra é apresentada não somente como possível, mas como justificada (o bom preço, diferentemente do preço alto, sendo visto como uma razão para a compra)." (Idem:15). De acordo com o autor, se produziria uma "espécie de inversão", torna-se, então, o "bom preço", que era razão para comprar, em "caro demais", uma razão para não comprar.

A propriedade "caro" sozinha não seria razão para a não-compra, ela está nas propriedades semânticas de "demais". Se trocarmos o "demais" por "tão que", teremos uma inversão: "Ele é tão caro que eu te aconselho a comprá-lo (deve ser excelente)."

Portanto, Ducrot atribui à língua "...uma significação suscetível de explicar o sentido de seus enunciados no discurso. E ela o explica na medida, notadamente, em que comporta uma série de instruções às quais se é levado a conformar-se quando se tem que compreender seus enunciados." (Idem: 16)

2 A teoria argumentativa dos topoi

De acordo com Anscombe e Ducrot, fugindo à noção tradicional de argumentação (que propõem a argumentação no discurso, na fala), a noção de "topos" ocupa um papel central no que eles resumem pelo slogan "A argumentação está na língua".

Por apresentá-la, ainda em primeira forma, reconhecem os problemas que ela coloca.

Assim, um sujeito falante produz um enunciado A como argumento para justificar um outro enunciado C. Em português, sua realização seria: "A logo C" ou do tipo "C já que A", simbolizadas por A ----| C. A preocupação do autor está em explicar por que A pode desempenhar função argumentativa:

"Habitualmente pensa-se que o movimento argumentativo supõe duas coisas totalmente independentes. Por um lado, o enunciado-argumento A deve indicar um certo fato F, entendo por isso uma certa representação da realidade que pode ser considerada verdadeira ou falsa³, que pode ser validada ou invalidada independentemente da intenção de dela concluir C. Por outro lado, o sujeito falante deve admitir ou supor que este fato F implica a verdade ou validade da conclusão C. O que pode ser representado pelo esquema:"
 Ducrot, 1989: 16-17)

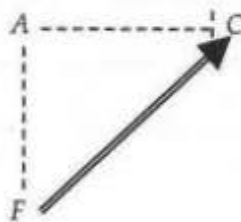


Fig. 1 – Argumentação sob o enfoque tradicional. Ducrot, 1989, p 17.

Segundo essa noção, a *língua* (conjunto de frases semanticamente descritas) não teria papel essencial a desempenhar na argumentação, fornecendo, tão somente, os conectivos (*logo, já que...etc.*) e intervindo na passagem de F para C:

³ Aqui Ducrot faz referência à Semântica Lógica, que julga as frases das LN por seu conteúdo verdadeiro ou falso.

"...se A designa o fato F, isto se deve parcialmente à frase realizada por A – e também, seguramente, à situação de discurso na qual A é produzido. Mas o movimento, ele mesmo, conduzindo a C – ou seja, o movimento argumentativo no sentido próprio – é – na concepção tradicional – absolutamente independente da língua. Ele é explicado pela situação de discurso e pelos princípios lógicos, psicológicos, retóricos, sociológicos...etc. Posso, pois, completar o esquema:" (Idem: 17)

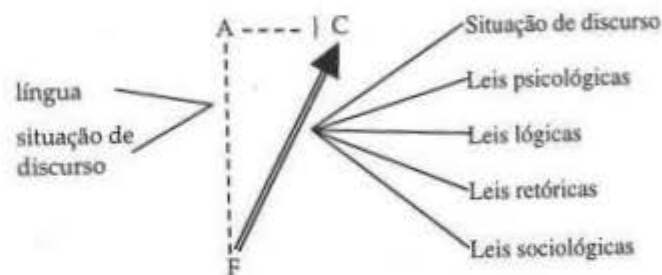


Fig. 2 – Esquema argumentativo tradicional completado por Ducrot. 1989, p 17.

Para negar o esquema acima, Ducrot afirma que as línguas, na maioria das vezes, possuem duplas de frases que contêm as duas propriedades seguintes:

"(1) indica-se o mesmo fato F enunciando, em uma situação de discurso dada, uma ou outra dessas frases. (2) Um enunciado de uma e um enunciado da outra – mesmo supondo idêntica a situação de discurso – não autoriza a mesma argumentação. Seja, por exemplo:"

"Pedro trabalhou pouco."

"Pedro trabalhou um pouco." (Idem: 17)

O conteúdo factual de (a) ou (b) é o mesmo numa dada situação, sendo um verdadeiro, o outro também o será. Ainda assim, sentimos, como falantes, intenções argumentativas diferenciadas em (a) e (b), isto é, as duas frases não justificam a mesma conclusão, ou então, não o fazem da mesma maneira. Em outras palavras, o autor mostra "...que a argumentação pode estar diretamente determinada pela frase, e não simplesmente pelo fato que o enunciado da frase veicula. Neste caso, dir-se-á que a argumentação está 'na língua', 'nas frases', que as próprias frases são argumentativas." (Idem: 18)

Com estas reflexões como ponto de partida, os autores lançaram "a idéia de uma argumentação intrínseca à língua." (Idem: 18) A hipótese em questão é que, pelo menos, certas frases de uma língua possuem, intrinsecamente, uma força ou valor argumentativo, mesmo não sendo impossível, naquele momento, dizer "todas" (apesar de assim acreditarem) por isso dizem "certas" por prudência.

Para chegar a afirmar o que desejam, introduzem, em primeiro lugar, a noção de *topos*, já mencionada anteriormente. Assim, reafirma Ducrot: "...a significação de certas frases contém instruções que determinam a intenção argumentativa atribuída a seus enunciados: a frase indica como se pode, e como não se pode argumentar a partir de seus enunciados." (Idem: 18)

Então, o autor chama certos morfemas de *operadores argumentativos*, que funcionariam, desse modo, sob três condições:

- (1) Uma frase P de uma frase P' seria construída introduzindo-se x em P, descrita como "P' = P + x". Porém essa introdução de x não é feita só por adição, mas por uma substituição que se faz acompanhar, eventualmente, de certas condições sintáticas. Por sua condição primeira pode parecer "perigosamente permissiva." Porém isso é menos grave, pois as condições (2) e (3) caráter não-preciso, a formulação desta não serão satisfeitas sem que a primeira se realize (a introdução de x em P) de modo simples.
- (2) Na mesma situação de discurso determinada, um enunciado P e um P' terão "valores argumentativos nitidamente

diferentes" (só pela introdução de x em P'), de modo que não se possa argumentar igualmente, partindo de um ou de outro.

- (3) A diferença argumentativa mencionada não o será em função de "uma diferença factual entre as informações fornecidas" pelos enunciados de P e P', na referida situação discursiva.

Então, "pouco" seria um operador argumentativo em relação à frase "Pedro trabalhou um pouco". Assim, teremos as três condições preenchidas:

- (1) "Pode-se construir uma frase P' ' Pedro trabalhou pouco' substituindo 'um pouco' por 'pouco' em P."
- (2) "Como já assinalei, são as mesmas argumentações que tornam possíveis, numa situação dada, um enunciado de P e um enunciado de P'."
- (3) "Não se pode derivar esta diferença argumentativa entre os enunciados de uma diferença informativa que possa existir entre eles." (Idem: 19)

Ducrot argumenta que nenhum semanticista pode negar que é dada a mesma informação nos dois casos. Conclui essa parte dizendo:

"Esta é, pois, a hipótese básica de nossa teoria, hipótese mantida através das duas formas que esta teoria sucessivamente assumiu. As duas formas não se opõem, na verdade, senão se se procura definir mais precisamente o conceito 'possibilidades argumentativas' (ou força argumentativa) de um enunciado." (Idem: 20)

Para os autores, é evidente que a força argumentativa de um enunciado A precisa ser definida como o conjunto de enunciados C₁, C₂...etc. que podem servir como conclusões de A. Desse modo, a força argumentativa de um enunciado como "Pedro trabalhou um pouco" estaria embutida no conjunto de enunciados que poderiam se encadear a ele, no discurso, ligados com um "portanto" ou similar, explícita ou implicitamente.

O conjunto seria formado de enunciados tipo "Ele está cansado", "Ele tem o direito de descansar", "Ele talvez tenha terminado o artigo", tendo como base o fato de estar dando um crédito positivo a Pedro.

Ao contrário, o enunciado "Pedro trabalhou pouco" remete a outro conjunto de conclusões de créditos semanticamente negativos em relação a Pedro, como "Provavelmente não terminou o artigo", "Não pode, ainda, descansar", "Não pode estar cansado", e assim por diante.

Nessa perspectiva, afirma: "Será necessário dizer: x é um operador argumentativo se um enunciado de P e um enunciado de P' (onde $P = P + x$) permitem conclusões diferentes – diferença impossível de derivar de sua oposição no nível factual. Isto é ilustrado pelo esquema:" (Idem: 20-21)

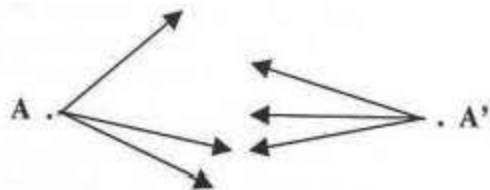


Fig. 3 – Conclusões. Ducrot, 1989, p. 21.

Ducrot avalia como problemática esta primeira forma da teoria, porque ambas as frases (A e A') poderiam ser encadeadas com a conclusão: "Pedro será aprovado no exame". Tudo irá depender de qual se pense ser a melhor razão para o êxito (trabalhar ou não trabalhar): "...se se pensa que ele leva ao êxito, toma-se A como argumento. Se se pensa que ele leva ao fracasso (porque ele cansa, enervava...) o argumento será A' ." (Idem: 21)

Mesmo assim, afirma o autor, nada nos impede de sentir "uma diferença profunda" em ambas as argumentações, a partir de "pouco" e de "um pouco", mesmo levando à mesma conclusão.

A primeira solução apontada, que Ducrot nega em seguida, seria ampliar o conceito "situação de discurso", incluindo ali os princípios argumentativos utilizados. Defende que se trata, sim, da mobilização de uma crença ou de outra. Explica, então, a diferença que lhe parece a mais razoável: a de que a

mesma é interior (e não exterior) ao enunciado e ao discurso: "...trata-se de uma situação que o enunciado e o discurso argumentativo constroem por si mesmos, que eles veiculam. Ela lhes é, por conseguinte, interna e faz parte de seu sentido (na medida em que o sentido, tal como o defini, é uma representação da enunciação apresentada pelo próprio enunciado)." (Idem: 22)

Para demonstrar tal axioma, nega o primeiro conceito de argumentação proposto pelo símbolo: " $A \text{-----} C$ ", propondo, para substituí-lo, um "conceito mais amplo", não generalizado a todos os enunciados, mas somente aos elementos semânticos que constituem seu sentido (traduzido em sua teoria polifônica como "ponto de vista de um enunciatador posto em cena pelo enunciado"). Define, desse modo, sua nova proposição: "O enunciado E contém um elemento semântico ' e ' que possui um valor argumentativo." (Idem: 22-23) Para tanto, diz ele, tal proposição só será verdadeira quando o enunciado E satisfizer três condições:

"(1) ' e ' é um conteúdo no sentido de E (...);"

"(2) ' e ' é considerado, na enunciação de E , como uma justificação para uma certa conclusão ' r '." (Idem: 23)

Sua proposta é de que a justificação pode estar explícita (com um enunciado C encadeado a E) ou implícita. Neste último caso, ' r ' pode ou não ser levado em conta pela "pessoa que fala" (equivalente, por enquanto, a "locutor" e "sujeito empírico" da teoria da polifonia). Apresenta, para a discussão, alguns exemplos:

"(a) O tempo está bom (E). Vamos passear (C)."
(Idem: 23),

onde o elemento ' e ' é representado pelo bom tempo afirmado em E . A conclusão ' r ', tornada explícita em C , é tomada em conta.

"(b) Consideremos o diálogo:
 X : Você quer ver este filme?
 Y : Eu já o vi."

A resposta fornecida por Y implica um fato (não explicitado), mas suficiente para a conclusão negativa (também não explicitada). Em nossa e outras culturas, é aceito o fato de que já ter realizado algo é razão para não fazê-lo de novo. Desse modo, 'r' está implícito, sendo levado em conta.

Mesmo assim, Y poderá dizer: "eu já o vi, mas terei prazer em revê-lo", o que implica a admissão da mesma conclusão, entretanto a recusa (a conjunção 'mas' a identifica).

"(3) Para que 'e' possua o que chamo um valor argumentativo, uma terceira condição deve ser preenchida. A orientação de 'e' para 'r' deve estar fundamentada em um princípio argumentativo, ou, na minha terminologia, em um 'topos'. Entendo por 'topos' um princípio argumentativo que tem, pelo menos, as três propriedades que seguem. Primeiro, ele é 'universal' - no sentido, muito limitado, e sem relação com o que os filósofos chamam 'universalidade', em que uma comunidade lingüística admite partilhá-lo, uma comunidade à qual pertençam pelo menos aquele que realiza a demarcação argumentativa - a fonte - e aquele a quem ela é proposta - o alvo." (Idem: 24)

Nesse caso, Ducrot está fazendo referência à teoria polifônica, do "enunciador" e do "destinatário", mas, para simplificar, sugere que se assimilem, respectivamente, ao "locutor" e ao "alocutário". No exemplo: "O tempo está bom; vamos à praia", a universalidade é suposta, isto é, pretendida, porque, ao utilizar-se esta conclusão, pretende-se que ela seja partilhada. "Todo movimento argumentativo ostenta uma pretensão à banalidade" (e então confessa: "ter-se-á adivinhado que não sou um fanático da argumentação)." (Idem: 25)

Outra propriedade dos topoi é a generalidade, pois o princípio deve ser considerado válido para um grande número de situações semelhantes, porém uma "universalidade" (entre aspas). Assim, no caso do calor X praia, isto é, supõe, no mo-

¹ Ducrot justifica o termo grego por ter sido comparada a teoria da argumentação na língua com algo semelhante aos procedimentos estudados por Aristóteles.

mento da fala, que a praia, com o calor, será agradável (em outro local e/ou momento, poderá não o ser).

Outra característica da argumentação é o caráter fundamentalmente anti-poético (como um aspecto da banalidade). Além da universalidade e da generalidade, já comprovadas, o autor destaca que (diferentemente de outros, segundo ele) "os topoi que asseguram a passagem de 'e' a 'r' são de natureza 'gradual'." (Idem: 26)

Como gradual, entende ele o relacionamento de duas escalas, estabelecendo-se entre elas uma correspondência que os matemáticos chamam, metaforicamente, de "uniforme/monotone", isto é, quando se percorre uma escala, percorre-se também a outra e, quanto mais se sobe na primeira, mais se desce na segunda...e vice-versa.

"Dito de outro modo, todo topos considera dois predicados P e Q que os objetos podem satisfazer segundo o mais e o menos, ou seja, há um sentido em dizer 'a é mais P que b', ou 'c é mais Q que d'. O topos estabelece, por outro lado, a hipótese de que uma variação na propriedade P (aumento ou diminuição) implica, se no mais todas as outras condições se mantêm, uma variação na propriedade Q - a correlação entre o sentido da variação P e o sentido da variação de Q sendo sempre a mesma." (Idem: 26)

No exemplo que relaciona "calor" e "praia", este topos aciona uma escala de temperaturas proporcionalmente variável a uma escala de agradável, conforme:



Fig. 3 - Representação das escalas argumentativas em conexão. Ducrot, 1989, p. 26.

O autor assinala que o valor argumentativo refere-se aos "elementos semânticos", ou, conforme a teoria polifônica, dos "pontos de vista argumentativos atribuídos aos enunciadores", não se ocupando, pois, do valor argumentativo dos "enunciados". Não se deve esquecer, portanto, da condição anteriormente anunciada, isto é, de que "todas as outras condições se mantêm" (mesmo correndo o risco de infringir o sentido – mas, ressalva ele, "serve somente para indicar o problema").

Uma pergunta que se põe em relação à questão: Como justificar a natureza gradual dos topoi? Ducrot responde a ela, dando como argumento inicial a gradualidade dos predicados (da Semântica Lógica). Desse modo, em "Faz calor", "Pedro é inteligente", "Este objeto é caro" ...etc., onde "calor", "inteligente" e "preço alto" são graduais, admitindo a comparação em termos de mais e de menos: "Faz mais calor aqui do que lá"; "Pedro é mais inteligente que Paulo"; "Este preço é mais alto do que aquele." ...etc.

Uma segunda justificativa para aceitar a gradação é a possibilidade da apresentação, como argumento, do conetivo "até mesmo". Por exemplo em:

"Faz 16°, talvez até mesmo 18°, vamos passear"

cujas demonstrações, de acordo com Ducrot, se sustentam sobre as seguintes hipóteses:

"(1) Considero como um dado de observação (na minha terminologia 'hipótese externa') que o movimento argumentativo em questão repousa sobre um topos do tipo 'O calor torna o passeio agradável'. (Se, no meu exemplo, se tivesse '18°, talvez até mesmo 16°', seria o topos contrário, e igualmente se se tivesse '16° ou, no máximo, 18°')";

"(2) Suponho admitida minha descrição habitual de 'até mesmo', conetivo que serve, segundo penso, para ligar dois argumentos orientados para uma mesma conclusão, e dos quais o segundo (neste caso '18°') é visto como mais forte que o primeiro (neste caso '16°')";

"(3) Admito que se os dois argumentos unidos por 'até mesmo' pertencem a uma mesma escala lingüística³ (é o caso para '16°' e '18°'), 'até mesmo' não somente lhes atribui uma conclusão idêntica, mas lhes aplica um topos idêntico." (Idem: 28-29)

Conclui que a gradualidade está implícita em "até mesmo", onde o topos "o calor torna o passeio agradável" torna o argumento "18°" mais forte que "16°". Esses casos onde as indicações numéricas estão presentes, podem ser estendidos a uma escala lingüística, como em: "Pedro roubou-me um livro; desconfie dele". Mesmo no exemplo em questão, está presente a gradualidade que estaria expressa num topos como: "Quanto mais alguém agiu desonestamente, menos se deve confiar nele". "Roubar um livro" estaria numa escala menor de desonestidade, em relação a "ter roubado uma pasta", "ter copiado a tese de alguém" ...etc., podendo o conetivo "até mesmo" ser usado, com sucesso, no encadeamento: "Pode ser que ele tenha roubado a pasta de Jacques, ou até mesmo ainda..."

Afirma, ainda: "Se se admite que o mesmo topos está em questão dos dois lados de 'até mesmo' (o que, neste caso, não é de nenhum modo evidente, mas me parece sustentável), não se pode negar que este topos seja gradual." (Idem: 30)

Como argumento suplementar, acrescenta certas formas possíveis de refutação para que uma argumentação seja rejeitada, seriam as do tipo "mas não o suficiente". Para ilustrar, com o exemplo de "calor/praias", apresenta: "É verdade, está quente, mas não o suficiente". O "mas" indica a concordância com o fato "estar quente" e também a validade do topos, recusando-se, devido às circunstâncias da situação presente, a utilizá-lo, reafirmando que o utilizaria se o calor fosse maior.

"Ter-se-ia, pois, duas categorias de calor, separadas por um limite: cada uma corresponderia a um tipo de satisfação diferente – mas no interior de cada categoria, o grau de satisfação imputável ao calor seria o mesmo (mesma satisfação para todas as temperaturas

³ Ducrot, em "As Escalas Argumentativas", chama essas escalas inscritas na língua de "escalas absolutas".

situadas abaixo do limite, mesma satisfação para todas as temperaturas situadas acima)." (Idem: 31)

Finalmente, Ducrot apresenta o que ele chama de "última razão" que o leva a gradualizar os topoi. Para desenvolvê-la, apresenta uma distinção entre topoi e formas tópicas, podendo, assim, tratar o problema dos operadores argumentativos. Cita o exemplo já colocado: "Pedro trabalhou muito; ele será aprovado" (A—|C). Ao refutar tal argumento, o interlocutor poderia citar casos em que A não é verificado, mas C o é, isto é, "muitas pessoas não trabalham, e isto não as impede de serem aprovadas". Pareceria, desse modo, que o topos é visto como um conjunto: "Quando A é verificado, C também o é – ou tem boas chances de sê-lo", com a recíproca "Quando A não é verificado, C também não o é – ou tem boas chances de não sê-lo".

Para refutar tal argumento, recorre à hipótese de que o locutor da primeira argumentação (a que foi refutada) utilizou um topos gradual, buscando a relação entre a quantidade de trabalho e o grau de êxito, "o trabalho é um fator de êxito". Continua a reflexão: "Ora, é claro que tal topos, visto sua natureza gradual, pode tomar várias formas equivalentes – que chamo 'formas tópicas'. Por exemplo, uma das formas do topos consiste em ligar uma escala crescente do trabalho a uma escala crescente do êxito (uma formulação, em língua comum, seria: 'Quanto mais se trabalha, mais se tem êxito'." (Idem: 33)

Então, na teoria proposta ainda como uma suposição, uma hipótese (aguardando, segundo ele, uma versão mais acabada) seria a de que teríamos a forma direta do topos e, para a refutação, a apresentação do princípio da gradualidade do topos, que o autor chama de formas tópicas.

Ainda com relação aos exemplos "Pedro trabalhou pouco, logo será reprovado", o autor enfatiza a idéia de que, neste caso, podem ser ativados dois topoi, que ele chama de T₁ ("O trabalho traz êxito") e T₂ ("O trabalho traz fracasso"). Em função desses dois topoi opostos, apresenta duas formas tópicas recíprocas e equivalentes para cada um:

T₁: "Quanto mais se trabalha, mais se tem êxito."

T₁: "Quanto menos se trabalha, menos se tem êxito."

T₂: "Quanto mais se trabalha, menos se tem êxito."

T₂: "Quanto menos se trabalha, mais se tem êxito." (Idem: 36)

Para interpretar cada frase construída com "pouco" e "um pouco", pois, é necessário determinar que topos foi convocado pelo enunciado. Resume os resultados num quadro que segue:

Encadeamentos	Argumentos	Topoi	Formas tópicas	Conclusões
(a)	trabalhar um pouco	T ₁	T ₁	Êxito
(b)	trabalhar um pouco	T ₂	T ₂	Fracasso
(c)	trabalhar pouco	T ₂	T ₁	Êxito
(d)	trabalhar pouco	T ₁	T ₂	fracasso

Fig. 4 - Resumo dos topoi e suas respectivas formas tópicas. Ducrot, 1989, p.37.

Resumindo, duas idéias essenciais estão na base de sua teoria da argumentação na língua: (1) a hipótese de um "valor argumentativo" situado em um nível semântico mais profundo que o "ato de argumentação"; (2) a hipótese de que este valor está fundamentado na mobilização de "topoi graduais" suscetíveis de receber duas "formas tópicas" recíprocas.

3 Uma escala argumentativa disponível na língua portuguesa

Baseando-me nas propostas teóricas até aqui expostas, apresentarei, a partir de agora, uma proposta de modelo de escala argumentativa disponível aos usuários de língua portuguesa. Para discuti-la, indicarei, inicialmente, uma série de frases, que irão sustentar a argumentação:

(1a) "Paulo saiu daqui há (muito) menos que um minuto; podes alcançá-lo facilmente."

- (1b) "Pedro está a (muito) menos que uma resposta do problema; será fácil resolvê-lo."
- (2a) "Paulo saiu daqui há não (menos) mais que um minuto; ainda podes alcançá-lo."
- (2b) "Pedro está a não mais (menos) que uma resposta do problema; ainda pode resolvê-lo."
- (3a) "Paulo saiu daqui a mais que um minuto; não será tão fácil alcançá-lo."
- (3b) "Pedro está a mais que uma resposta do problema; não será tão fácil resolvê-lo."
- (4a) "Paulo saiu daqui há muito mais do que um minuto; não será fácil (será difícil) alcançá-lo."
- (4b) "Pedro está a muito mais do que uma resposta do problema; não será fácil (será difícil) resolvê-lo."
- (5a) "Paulo saiu daqui há muito além de um minuto; será muito difícil alcançá-lo."
- (5b) "Pedro está muito além de uma resposta do problema; será muito difícil resolvê-lo."
- (6a) * "Paulo saiu daqui há muito (distante) de um minuto; será quase impossível alcançá-lo."
- (6b) "Pedro está muito além (aquém) da resposta ao problema; será quase impossível resolvê-lo."
- (7a) * "Paulo saiu daqui há léguas de um minuto; será impossível alcançá-lo."
- (7b) "Pedro está a léguas de distância da resposta ao problema; será impossível resolvê-lo."

O topos em questão é: "Quanto mais próximo algo estiver, mais fácil será (alcançá-lo, compreendê-lo, solucioná-lo, etc.)" ou, inversamente, "Quanto mais distante estiver algo, mais difícil/impossível será (alcançá-lo, compreendê-lo, solucioná-lo, etc.)". Representando-os (o topos e seu contrário) em uma escala argumentativa, teríamos:

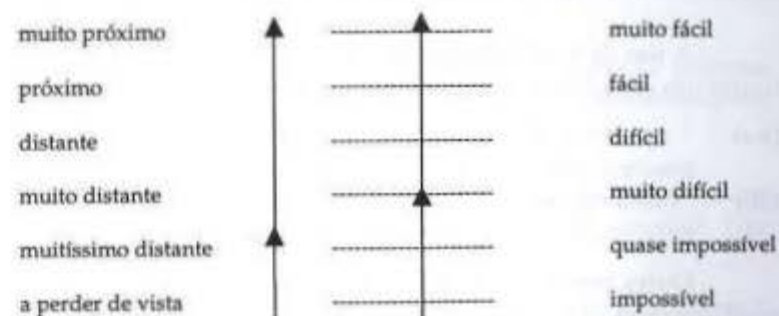


Fig. 5 - Escala argumentativa de proximidade/distância x facilidade/impossibilidade.

Segundo Ducrot, as formas indiretas (frases de 1 a 7) seriam as formas tópicas representativas do topos (forma direta). Aceitando a definição de língua do autor (conjunto de frases semanticamente descritas) e a argumentação, tal como foi apresentada pela teoria da polifonia, isto é, como o ponto de vista de um enunciador posto em cena pelo enunciado, proporei as frases acima como uma demonstração de argumentatividade em língua portuguesa.

Conforme a Fig.5, estaríamos colocando em correspondência uma escala de distância e uma escala de dificuldade, que poderia, portanto, ser simplificada como :

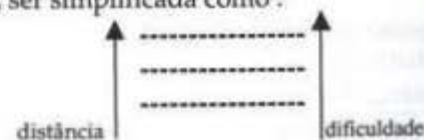


Fig 6 - Escala simplificada de distância x dificuldade.

Segundo o topos posto em ação nas frases propostas, um grau de distância muito pequena, argumento A, tornaria facilmente possível a realização do fato em C, e o seu inverso, a saber, um grau de distância muito grande, argumento A, tornaria não-possível a realização do fato em C, como um princípio de "universalidade" (assim entre aspas), isto é, o que seria considerado distância muito pequena ou muito grande dependeria dos enunciadores e das circunstâncias em questão.

A fim de testar a validade das formas tópicas propostas, usarei um encadeamento ligado com o conetivo "até mesmo":

- (8a) "Paulo saiu daqui há menos que um minuto, até mesmo há poucos segundos; podes, pois, alcançá-lo facilmente."
(8b) "Pedro está a menos que uma resposta do problema, até mesmo a um só algarismo, portanto, será fácil resolvê-lo."

Outra prova da graduabilidade dos argumentos é o caráter gradual dos advérbios *perto/longe* e dos adjetivos *fácil/difícil*. Comparando as frases de 1a até 7a e 1b até 7b, veremos que a dificuldade de C vai ficando mais intensa à medida que A vai ficando mais distante do objeto em questão, sendo o inverso também verdadeiro, a saber, a dificuldade de C é cada vez menor, e, portanto, transponível, à medida que A vai ficando mais próximo do objeto em questão. Nesse caso, o topos simplificado seria "A proximidade torna as coisas fáceis". As frases 8a e 8b, igualmente, vêm comprovar a afirmativa de Ducrot: "Se um topos, aplicado a dois argumentos, leva a ver um como mais forte que o outro, é inevitável que o topos seja gradual, que ele coloque em correspondência gradações." (Idem: 29)

Mais precisamente, dispomos de duas formas tópicas para:

T1: A proximidade traz sucesso.

T2: A distância traz fracasso.

Testarei, agora, as frases, usando "pouco" e "um pouco" para analisar seu resultado:

(9) "Pedro sabe um pouco da resposta."

(1) "Pedro sabe pouco da resposta."

Com relação à frase (9), o topos seria o de que Pedro está próximo da resposta, ou pelo menos, mais do estaria na frase (10), quando parece que o topos implícito o coloca muito longe da resposta, o que torna difícil resolver o problema. Nesse caso, a "universalidade" também ocorre com aspas, uma vez que dois topos podem ser acionados: T1 ("A pouca distância traz êxito") e T2 ("A pouca distância traz fracasso").

Para o topos de T2, exemplificarei com as frases seguintes

(11) "Pedro está um pouco distante do problema, logo será mais fácil resolvê-lo" (encadeamento possível: "pois terá mais objetividade")

(12) "Pedro está pouco distante do problema, logo será difícil resolvê-lo" (encadeamento possível: "pois estará subjetivamente envolvido")

Assim podem ser representados T1 e T2 e suas respectivas formas tópicas:

T'1: "Quanto mais se está próximo de algo, mais é fácil alcançá-lo"

T''1: "Quanto mais se está longe de algo, mais é difícil alcançá-lo"

T'2: "Quanto mais se está próximo de algo, mais é difícil alcançá-lo"

T''2: "Quanto mais se está longe de algo, mais é fácil alcançá-lo"

4 Considerações finais ou A título de conclusão do trabalho

Confirmam-se, em língua portuguesa, as hipóteses propostas por Anscombe e Ducrot, baseadas na teoria da polifonia de Ducrot. A saber, podemos concluir que:

- (1) a língua interfere parcialmente nas argumentações e nos valores argumentativos do discurso;

- (2) na determinação proposta, o locutor faz uso de operadores argumentativos como *pouco, um pouco, menos que, mais que, muito mais que, muito além de, a léguas de...etc.*;
- (3) topoi graduais encontram-se implicitamente convocados em todo ato de argumentação;
- (4) cada um dos topoi tem duas formas tópicas recíprocas e equivalentes ("*quanto mais*" e "*quanto menos*");
- (5) os operadores argumentativos determinam as formas tópicas a serem convocadas;
- (6) os topoi são condição necessária para a utilização das línguas;
- (7) eles são um fator de economia lingüística, pois ficam, geralmente, implícitos;
- (8) o locutor conta com a aquiescência do interlocutor (que nem sempre ocorre) sobre o topos em questão;
- (9) a escolha do topos convocado, e sua construção, é cultural, "universal", pois, mas deve ser aceita pela coletividade, que deve reconhecer sua legitimidade;
- (10) a interpretação (atribuição de sentido) só é possível com a convocação dos topoi, explícita ou implicitamente.

Como considerações finais, fica a proposta de que se discuta mais a fundo esta teoria, principalmente para investigar a possibilidade da existência de topoi que não possuam forma recíproca equivalente e contrária, pois, no decorrer deste trabalho, lidei, inicialmente, com a hipótese de que o topos "*proximidade/sucesso*" não possuiria a forma contrária, sendo, portanto, universal (sem aspas).

Referências bibliográficas

- ANSCOMBRE, J.C. & DUCROT, O. L'argumentation dans la langue. *Langages*, 42, juin 1976.
- DUCROT, O. *Elementos de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- _____. Escalas argumentativas. In: _____. *Provar e dizer*. São Paulo: Global, 1981.
- _____. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

- _____. *Polifonía y argumentación*; conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidade del Valle, 1988.
- _____. *Argumentação e topoi argumentativos*. In: GUIMARÃES, E. et alii. (orgs.) *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Boletim informativo - *Bimestral*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa - *Trimestral*
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - *Quadrimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS e Brown University - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Sem periodicidade
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Sem periodicidade
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **ODONTO CIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia - *Quadrimestral*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia**
Revista da Faculdade de Comunicação Social – *Semestral*
- **SESSÕES DO IMAGINÁRIO**
Revista de Cinema da Faculdade de Comunicação Social – *Anual*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Semestral*
- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina - *Anual*